Pr. Leandro B. Peixoto
Segunda Igreja Batista em Goiânia
www.sibgoiania.org
8 de novembro de 2026

PEREGRINOS
Exposições Bíblicas em Salmos 120–134
Mensagem n° 7
Salmo 126: Semeadura

Semeadura

Aqui no Cerrado, esta é a época do plantio da soja. Depois de meses de seca, a chuva chega, e o produtor entra no campo, abre a terra e lança a semente. Em Goiás, a janela de plantio vai do fim de setembro ao começo de janeiro, e estamos bem no meio dela.

Depois do plantio vem o tempo do cuidado. A lavoura cresce debaixo da chuva, e o produtor acompanha, protege e espera. A colheita só começa em janeiro e vai por fevereiro adentro. Entre uma coisa e outra, passam meses. Quem plantou não sabe se a chuva vai firmar. Não sabe como vai ser a safra. Sabe só que, sem plantio, não há colheita. Plantar numa terra que acabou de sair da seca é um ato de esperança.

Com a alegria, a gente quase nunca faz isso: planta e espera. Hoje a alegria de verdade é rara, e muita gente vive cansada. Em vez de plantar e esperar, tenta comprar a alegria pronta, com entretenimento e com qualquer coisa que distraia da dor. Outros evitam todo risco emocional, para não se decepcionar. Mas a alegria comprada

dura pouco. Ela alivia por um tempo, sim, mas não muda o coração e logo acaba.

Quem vive pela fé também passa por tempos difíceis. Muitos de nós já enfrentamos períodos de exílio, perdas e noites de choro. E ainda carregamos a culpa, a ideia de que sofrer ou estar triste é sinal de pouca fé. Como se só pudesse plantar quem não tem lágrimas.

A palavra de Deus diz outra coisa. A alegria não é uma obrigação, nem algo que a gente produz sozinho. Ela vem da presença e da graça de Deus no nosso dia a dia. A alegria cristã não exige que a gente negue as lágrimas nem esconda as lutas. Podemos entregar a Deus as nossas dores e decepções mais fundas, como quem lança sementes. Deus faz de terra seca um rio, e de um plantio feito com lágrimas, uma colheita de riso.

Se hoje a sua alma está seca, se você anda com o coração pesado, ou se já procurou alegria nas coisas passageiras deste mundo e não encontrou, existe esperança. Ela está no que Deus já fez e no que ele prometeu fazer.

Abram a Bíblia no Salmo 126. Vamos ver como o SENHOR restaura a nossa sorte e enche a nossa boca de riso.

> **Salmos 126 (NAA)**
> *Cântico de peregrinação*
> 1Quando o SENHOR restaurou a sorte de Sião, ficamos como
> quem sonha. 2Então a nossa boca se encheu de riso, e a nossa
> língua, de júbilo. Então entre as nações se dizia: “Grandes
> coisas o SENHOR tem feito por eles.” 3De fato, grandes coisas
> o SENHOR fez por nós; por isso, estamos alegres. 4Restaura,
> SENHOR, a nossa sorte, como as torrentes no Neguebe. 5Os
> que com lágrimas semeiam com júbilo ceifarão. 6Quem sai
> andando e chorando, enquanto semeia, voltará com júbilo,
> trazendo os seus feixes.

Da Lembrança à Semeadura

A que acontecimento o salmista se refere quando fala em “restaurar a sorte de Sião” (v. 1)? Alguns estudiosos ligam o salmo ao livramento repentino de Jerusalém, quando o exército assírio cercou a cidade no tempo do rei Ezequias (Is 36–37).

Mas o verbo hebraico dos versículos 1 e 4 é *shuv*, “voltar”. É o mesmo que descreve a volta dos judeus do exílio na Babilônia (Ed 2.1; Ne 7.6; Is 10.22; Jr 22.10). Segundo Allen P. Ross, ele aparece mais de mil vezes na Bíblia e vai de *voltar* a um lugar a *voltar-se* para Deus.

Por isso as versões variam. A ARC traduz “trouxe do cativeiro os que *voltaram* a Sião”. A NVI, “trouxe os cativos *de volta* a Sião”. A NVT, “trouxe os exilados *de volta* a Sião”. A ARA e a NAA, “*restaurou* a sorte de Sião”.

Esse retorno foi profetizado. Ciro decretou a libertação, e Isaías já a havia anunciado (Is 44.24–45.7). Isaías também anunciou a alegria do povo ao ser libertado (Is 48.20; 49.8-13; 51.11; 54.1; 55.10-12) e o testemunho desse acontecimento diante das outras nações (Is 43.10-21; 44.8,23; 52.7-10). É o que os versículos 2 e 3 cantam: a boca cheia de riso, e as nações reconhecendo que o SENHOR fez grandes coisas.

A volta aconteceu em três etapas. A primeira foi com Zorobabel, em 538 a.C. (Ed 1–6). A segunda, com Esdras, por volta de 458 a.C. (Ed 7–10). A terceira, com Neemias, por volta de 445 a.C. (Ne 1–2).

Em qual delas o salmo foi cantado? Há duas ocasiões possíveis. Uma é o lançamento dos alicerces do segundo templo (Ed 3.8-10). A outra, que parece ser a mais provável, é a Festa dos Tabernáculos, restabelecida no avivamento sob Esdras (Ne 8.13-14).

Esse avivamento começou quando o povo se reuniu, como um só homem, na praça diante do Portão das Águas e pediu a Esdras, o escriba, que trouxesse o Livro da Lei de Moisés (Ne 8.1). Podemos descrevê-lo como um dos maiores avivamentos da história do reino de Deus.

Mas a alegria dessas festas não apagou as dificuldades. De volta à terra, o povo descobriu que recomeçar não é fácil, principalmente depois de um tempo de disciplina. Neemias já havia enfrentado a zombaria que vimos no Salmo 123 (Ne 4).

A vida nos obriga a recomeçar muitas vezes, e o SENHOR nos ajuda com encorajamentos especiais. O Salmo 126 é um deles. É o sétimo dos quinze cânticos de peregrinação.

O salmo é feito de contraste. A primeira parte lembra uma alegria quase delirante. A segunda fala de trabalho duro e de choro. Dentro desse contraste, há três movimentos. Nos **versículos 1 a 3**, o povo olha para trás e canta. No **versículo 4**, olha para o presente e pede. Nos **versículos 5 e 6**, olha para a frente e semeia.

Se eu pudesse resumir o salmo em uma frase para você levar para casa, seria esta:

> *O Deus que já nos fez rir ao nos restaurar é o mesmo a quem pedimos uma nova restauração, quando a alegria se perde. Por isso semeamos chorando, certos de que colheremos cantando.*

Veremos isso em três passos. Primeiro, Lembrar: a alegria de quem foi libertado (vv. 1-3). Segundo, Pedir: quando a alegria se perde (v. 4). Terceiro, Semear: o choro que antecede o cântico (vv. 5-6).

1. Lembrar: a alegria de quem foi libertado (vv. 1-3)

O salmo começa olhando para trás. Antes de falar de lágrimas e de semente, o povo se lembra do dia em que tudo mudou: “Quando o SENHOR restaurou a sorte de Sião, ficamos como quem sonha” (v. 1).

Quem sonha não tem certeza do que está vendo. Os exilados passaram décadas longe de casa, e ouvir que podiam voltar era bom demais para ser verdade. Muitos devem ter se beliscado, para ter certeza de que estavam acordados.

Reparem em quem aparece como autor da libertação. Não foi Ciro, nem a força do povo. O sujeito da frase é o SENHOR. Ele restaurou, e o povo recebeu.

Depois do espanto vem a alegria, e ela transborda. “Então a nossa boca se encheu de riso, e a nossa língua, de júbilo” (v. 2). A palavra hebraica traduzida por júbilo é *rinnâ*, um grito de alegria. Segundo Allen Ross, ela aparece três vezes neste salmo, nos versículos 2, 5 e 6. Guardem isso, porque ela volta quando o salmo chegar à colheita.

E essa alegria não ficou só dentro de casa. “Então entre as nações se dizia: ‘Grandes coisas o SENHOR tem feito por eles’” (v. 2). Os povos em volta olharam para aquele povo e viram que havia mão de Deus ali.

Mas o salmista não deixa a conversa por conta dos de fora. “De fato, grandes coisas o SENHOR fez por nós; por isso, estamos alegres” (v. 3). Percebam a diferença. As nações dizem “por eles”, e o povo responde “por nós”. Quem vê de longe reconhece que Deus agiu. Só quem foi libertado sabe o que isso custou e o que isso significa.

Permitam-me fazer, neste ponto, uma observação pastoral.

A experiência que mais se aproxima dessa libertação é a nossa conversão. Nós também estávamos presos, e não podíamos nos libertar. Um dia, o SENHOR abriu a porta, e a vida passou a ter outra cor. Há quem se lembre do lugar, da data, até do cheiro do ambiente. Foi como acordar de um pesadelo e descobrir que o dia já tinha clareado.

Por isso o salmo começa lembrando. Lembrar não é saudosismo. É deixar que o que Deus já fez sustente o que ainda não vemos. Quando a alegria se perde, a primeira coisa a fazer é voltar até aquele ponto e reconhecer: ele fez, e fez de verdade.

Mas há uma pergunta que o texto deixa no ar, e é a que nos leva ao versículo 4. Se Deus fez grandes coisas, e o povo estava alegre, por que o salmista precisa pedir que o SENHOR restaure outra vez? Porque a alegria dos versículos 1 a 3 já tinha passado.

Ah, meus irmãos! A alegria da salvação, por mais intensa que seja, não se sustenta sozinha. As festas terminam, a rotina volta, e o trabalho pesado começa.

A memória do que Deus fez sustenta a esperança, mas não paga as contas do dia seguinte. Por isso o povo olha agora para o presente.

2. Pedir: quando a alegria de quem foi libertado se perde (v. 4)

O tom do salmo muda. Depois de três versículos de riso e de canto, vem um pedido: “Restaura, SENHOR, a nossa sorte, como as torrentes no Neguebe” (v. 4).

Reparem no verbo. É o mesmo do versículo 1, *shuv*: restaure, traga de volta. O povo pede agora o que já tinha recebido. Se o SENHOR já restaurou uma vez, por que pedir de novo? Porque a alegria daquele dia não durou.

Aqui é preciso lembra o que veio depois da volta para Jerusalém. Os livros de Esdras, Neemias, Ageu e Zacarias mostram anos de trabalho duro. A obra do templo começou, parou e recomeçou. Quando lançaram os alicerces do segundo templo, os mais velhos, que se lembravam do primeiro, choraram diante do contraste (Ed 3.12). Os primeiros dias foram maravilhosos, mas depois vieram muitos dias de desânimo.

Conosco acontece o mesmo. É fácil pensarmos em alegrias que tivemos e perdemos. Aponto quatro que os cristãos costumam perder.

A primeira é a alegria da salvação. No começo, a conversão empolga tanto que a pessoa não para de falar de Jesus, como o apaixonado que só fala da pessoa amada. Conta para a família, para os colegas, até para o motorista do aplicativo. Com o tempo, isso passa. Deveria dar lugar a uma confiança mais tranquila, mas às vezes entram o desânimo e até a dúvida. Perder essa alegria não significa deixar de ser cristão. Aliás, foi essa alegria que Davi pediu de volta depois do seu pecado: "Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário" (Sl 51.12).

A segunda é a alegria da vitória espiritual. Deus mostra um pecado, nós lutamos, e de repente há um avanço: um rancor perdoado, um vício vencido, uma relação refeita. Pense em quem largou a bebida, as apostas online ou a pornografia e passou meses limpo. Que alegria! Mas logo aparece outro pecado, outra falha, ou caímos nos mesmos de antes, e a lembrança da vitória fica desbotada. Será que seremos felizes de novo? Será que vou conseguir mais uma vez?

A terceira é a alegria da comunhão. Uma pessoa muito querida morre, uma amizade se rompe por causa do pecado, o casal amigo se muda de cidade e o contato se resume a um "bom dia" no WhatsApp. Quem negaria a dor dessa perda? Há ainda uma perda mais silenciosa: o encanto que a gente vai perdendo pelos irmãos e

pela igreja. Chega-se ao culto por hábito, cumprimenta-se por educação e volta-se para casa sem ter conversado com ninguém.

A quarta é a alegria de uma obra nova para Deus. Todo começo empolga. Depois, o entusiasmo dá lugar ao trabalho pesado, aos poucos voluntários, ao cansaço. E hoje isso pesa mais, porque vivemos na era da *dopamina*. O celular nos treinou a querer recompensa rápida: o vídeo curto, a curtida, a novidade a cada rolar de tela. Perto disso, o trabalho que cresce devagar parece sem graça, e a gente perde o gosto de fazer aquilo que não dá retorno imediato. Por isso é bem mais difícil se animar com a rotina do que com o planejamento.

Talvez você tenha se reconhecido em pelo menos uma dessas quatro.

E o que faz o salmista? Ele poderia ficar na saudade: "Aqueles foram bons tempos, e acabaram". Mas a lembrança vira, para ele, base de esperança; vira combustível para a oração. É fácil entender por quê. Deus é bom e não muda. Ele nos deu alegria no passado, então se pode esperar que dê de novo. Por isso o salmista ora.

A imagem que o salmista escolhe é a do Neguebe, o deserto ao sul de Judá: "Restaura, SENHOR, a nossa sorte, como **as torrentes no Neguebe**" (v. 4). Ali, os leitos dos rios passam quase o tempo todo secos. Mas, quando chove nas montanhas ao norte, as águas se juntam, descem pela encosta e enchem esses leitos de uma só vez. Num instante, o que era seco vira rio.

Foi assim a volta do exílio. Num dia o povo estava preso; no outro, já estava a caminho de casa. E é isso que o salmista pede agora: que Deus faça de novo o que já fez.

A gente que vive no Cerrado entende. Depois de meses de seca, a chuva chega e a terra muda.

Quando a alegria some, o primeiro passo é este: pedir. Sem fingir que está tudo bem e sem se conformar com a seca. Mas o salmista não para na oração. Pedir é só metade do caminho, e a outra metade vem nos versículos 5 e 6.

3. Semear: o choro que antecede o cântico (vv. 5-6)

Alguém pode chamar esses dois versículos de *provérbio*, mais do que de profecia no sentido clássico. Mas foi como promessa que gerações do povo de Deus os tomaram, olhando para o trabalho difícil à frente e esperando a bênção. E o hebraico dá razão a elas: Ross observa que o verbo do versículo 6 enfatiza a certeza, quem sai chorando voltará sem falta.

> "Os que com lágrimas semeiam com júbilo ceifarão. Quem sai andando e chorando, enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes" (vv. 5-6).

Há um contraste com o versículo 4. Lá, o resultado vem de repente e sem esforço nosso: as torrentes enchem o leito seco sem que ninguém cave. Foi assim na nossa conversão, porque não contribuímos com nada. Mas na maior parte da vida não é assim.

Deus continua sendo a fonte de toda bênção, só que quase sempre a concede pelo caminho do trabalho e da espera. Quem planta sabe disso. A chuva e o crescimento vêm de Deus, mas o produtor precisa plantar, cuidar e esperar meses até a colheita. Numa época que exige recompensa imediata, isso soa estranho. Mas é assim que o SENHOR costuma agir: dá a colheita a quem continua semeando.

O que é, então, semear? A semente representa todo esforço pelo reino de Deus: orar, falar do evangelho, servir, fazer discípulos, batalhar pela restauração do mundo. É um trabalho que custa o corpo

e a alma. Paulo, que sabia disso, escreveu: “Esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado” (1Co 9.27).

E as lágrimas mostram que esse trabalho é difícil, frustrante e, às vezes, desanimador. Reparem que o salmo não diz que chorar é sinal de pouca fé. Diz que se semeia assim, chorando. O choro não impede o plantio. Ele acompanha o plantio.

Note ainda que o verbo do versículo 6 reforça a perseverança: o semeador sai, e sai de novo: “sai andando e chorando, enquanto semeia”. Vai chorando, mas vai. Não para de andar, nem de semear. E o fim é maior que o começo. Ele sai carregando a semente e volta carregando “os seus feixes.” A palavra de júbilo, *rinnâ*, que encheu a boca do povo no versículo 2, volta aqui pela terceira vez. A alegria que parecia perdida reaparece como colheita.

Levemos esse salmo a Jesus e à parábola do semeador (Mt 13.1-9). Parte da semente cai no caminho, parte nas pedras, parte entre espinhos. Mas parte cai em boa terra e dá fruto. Por isso, temos de aprender, não desanimemos se o trabalho é longo e parece perdido. Quem faz a lavoura crescer é o Senhor da colheita.

Como escreveu Paulo, “Eu plantei, Apolo regou, mas o crescimento veio de Deus” (1Co 3.6). E ainda: “No Senhor, o trabalho de vocês não é vão” (1Co 15.58).

Há mais um consolo. Os filósofos gregos achavam que Deus não podia ser tocado pelas dores humanas. Talvez você pense assim: “Deus não se compadece do meu sofrimento.” Isso até pode soar como boa filosofia, e como boa desculpa para manter distância de Deus. Mas é má teologia e uma péssima atitude.

O salmista sabe que Deus guarda as lágrimas dos seus: “Recolhe as minhas lágrimas no teu odre; não estão elas inscritas no teu li-

vro?" (Sl 56.8). Jesus chorou diante do túmulo de Lázaro (Jo 11.35) e chorou sobre Jerusalém (Lc 19.41). As lágrimas de quem semeia não passam despercebidas a Deus.

E um dia Deus mesmo enxugará toda lágrima dos olhos do seu povo (Ap 21.4). O choro será trocado por uma alegria que não acaba.

Enquanto isso, continue trazendo à memória os grandes feitos de Deus por você, transforme essas lembranças em oração e não pare de semear: semeie para o Espírito.

Semear para a carne é investir a vida no que agrada ao nosso egoísmo (Gl 5.19-21), como quem compra alegria pronta. Semear para o Espírito é investir no que ele produz, e a alegria é um dos seus frutos (Gl 5.22): restaurar quem caiu (Gl 6.1), levar as cargas uns dos outros (Gl 6.2), sustentar quem ensina (Gl 6.6), fazer o bem a todos (Gl 6.10). "Quem semeia para o Espírito, do Espírito colherá vida eterna. E não nos cansemos de fazer o bem" (Gl 6.8-9).

Não espere o clima perfeito para começar a semear: "Quem somente observa o vento nunca semeará" (Ec 11.4). Semeie de manhã e à tarde, sem saber qual semente vai prosperar (Ec 11.6).

Semeie buscando o SENHOR. Israel lavrou a maldade e colheu a injustiça (Os 10.13). Veio então o chamado: "Lavrem o campo não cultivado, porque é tempo de buscar o SENHOR, até que ele venha, e chova a justiça sobre vocês" (Os 10.12). Esse campo é terra dura, e pode ser um coração endurecido. A semente é nossa. A chuva é dele.

O Deus que Já Semeou

Se hoje a sua alma está seca, se você anda com o coração pesado, ou se já procurou alegria nas coisas passageiras deste mundo e não encontrou, existe esperança. Ela está no que Deus já fez e no que ele prometeu fazer.

O que ele já fez? Plantou o próprio Filho na sepultura, como o grão de trigo que morre para dar muito fruto (Jo 12.24). Cristo ressuscitou e nos liberta do pecado para uma novidade de vida (Rm 6.4).

E o que ele prometeu? Que quem semeia chorando voltará com júbilo (Sl 126.5-6) e que toda lágrima será enxugada (Ap 21.4).

Então lembre, ore e semeie. O Deus que restaurou a sorte de Sião é o mesmo que ressuscitou o seu Filho. Ele fará de novo.

Eugene Peterson resume assim o Salmo 126, e eu termino com esta citação:

> "O salmo não nos entrega a alegria como um pacote pronto nem como uma fórmula, mas faz algumas coisas por nós. Revela como é frágil a alegria do mundo e confirma como é sólida a alegria de Deus. Lembra que quem busca no prazer o caminho da alegria paga cada vez mais caro e recebe cada vez menos. Mostra-nos o caminho do discipulado, que desemboca em alegria. Convida-nos, pela fé, a viver essa alegria e a repartir essa alegria. Conta os feitos de Deus, que puseram riso na boca do povo e gritos de júbilo na sua língua. Repete as promessas de um Deus que acompanha os seus filhos, errantes e chorosos, até que cheguem em casa, exuberantes, 'trazendo os seus feixes'. E anuncia que existe um povo capaz de dizer, em meio a tudo o mais que acontece, lá no centro: 'Estamos alegres'."

S.D.G. L.B.Peixoto.